

# MANGUEIRA

CARNAVAL 78



Mangueira, um palácio de samba e alegria

José Carlos Rego

Delegado e Neide, a dupla perfeita

Dácio de Almeida

Os Grandes Carnavais

Sérgio Cabral

Julinho, o artista do Povo

Fernando Pamplona

Mangueira, sempre Mangueira

Maurício Azêdo

Preocupação de Kalma Murtinho  
foi sempre usar o verde e rosa

Maria Barroso

Vejam quem vem lá atrás

Fernando Zerlottini

O Morro e sua história

Atenéia Feijó

# Pelos caminhos do mundo siga seu Agente de Viagens...

Quando você diz que vai viajar, os parentes, amigos, conhecidos e até os desconhecidos, começam logo a dar palpites a respeito da sua viagem, alguns bons, é claro, e outros péssimos. Vá ao restaurante tal, visite tal lugar, fique no Hotel X e, no fim da história, ou melhor, no começo, você já se sente perdido e com vontade de voltar para casa.

Mas, viajar é muito bom, e ninguém melhor para orientá-lo do que o seu Agente de Viagens. Ele sim, é "o" profissional. Não importa para onde você queira viajar, ele sempre saberá aconselhá-lo no que há de melhor. Além de marcar passagens e reservar hotéis, oferece opções de lazer e está preparado a dar todas as coordenadas para uma boa viagem de férias ou a negócios.

Na sua próxima viagem, consulte o seu Agente.

Voe com quem sempre soube voar.

**TAP**  
TRANSPORTES  
AÉREOS PORTUGUESES



# 50 ANOS MANGUEIRA

Editor: Dácio de Almeida  
Paginador: Laerte Moraes Gomes  
Fotos: Marie Augusta Kaufman  
José Antunes  
Estúdio Moura

## AGRADECIMENTOS:

Top Tape Músicas Ltda; Contemporânea de Instrumentos; R. Kastrup & Associados; 4.º Bat. da PM; Coca Cola; TAP - Transportes Aéreos Portugueses; Apex; Chancellor; A. S. Lima Cia Ltda; Cigarros Vila Rica; Dr. Pedro Ferreira da Silva; Detran; SENAI (DR-RJ); Touring Clube do Brasil; Sistema Globo de Rádio e TV; Franco Brasileira; San Siro; Metal-mic Indústria e Comércio Ltda; Comlurb.

Impressão: Editora Gráfica Brasileira Ltda.

## O compromisso com a realidade

Ubirajara Maximino

*Será possível estabelecer um sistema que nos permita descobrir em que consiste o samba, qual a finalidade do samba e quem faz e para quê faz samba?*

*Até agora, pelo menos, ninguém conseguiu chegar a uma resposta satisfatória. E por um motivo muito simples: nunca consideramos o samba como uma atividade condicionada pela sociedade e que corresponde a uma determinada necessidade humana, e sim como um dom especial que somente é dado aos gênios praticador.*

*O samba é um atributo imanente a certos indivíduos. É a maneira de pensar, de sentir e de agir de um povo. É isso a Estação Primeira de Mangueira. São 50 anos de compromisso com a realidade, de preservação a tradição popular, sem influências de círculos eruditos, de instituições que se dedicam à renovação ou à fixação de orientação ideológica, religiosa ou filosófica.*

*O samba é acima de tudo um ato de vontade humana, que talvez até surja do inconsciente, mas que se expressa pelo trabalho absolutamente consciente da virtuosidade, da solução pessoal e da inspiração.*

*É isso a Estação Primeira de Mangueira na sua luta durante todo o ano para ser a personagem principal do teatro da vida de um domingo de carnaval.*

## DIRETORIA ELEITA PARA O BIÊNIO 77/78

<b>PRESIDENTE</b>	Ubirajara Maximiano
<b>VICE-PRESIDENTE</b>	Jobel de Carvalho Almeida
<b>DEPARTAMENTO DE FINANÇAS</b>	Arivaldo da Silva Mattos José Narcísio Teixeira
<b>DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO</b>	Dimas Tojal
<b>DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO</b>	Luiz Leite Medeiros
<b>DEPARTAMENTO SOCIAL</b>	Jair Campos da Silva Antonio Ferreira da Silva
<b>DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO</b>	Jorge Barbosa Cyro Ramos de Moura
<b>DEPARTAMENTO JURDÍDICO</b>	Manoel Soares da Silva Filho Lecy Brandão
<b>DEPARTAMENTO CULTURAL</b>	Alcyone Vieira Pinto Barretto Reydmir de Aguiar Pontes Sabino Barroso Julio de Matos

<b>DEPARTAMENTO DE HARMONIA</b>	Olivério Ferreira Alberto Sales Pontes
<b>DEPARTAMENTO FEMININO</b>	Eusébia Silva de Oliveira Jandira Mendonça dos Santos
<b>DEPARTAMENTO DE ESPORTES</b>	Valdir José Claudino Reinaldo Silva de Oliveira
<b>PROCURADORIA</b>	Alcides Evangelista de Mendonça Juvenal Alves Filho
<b>CONSELHIO FISCAL - EFETIVOS</b>	Paulino Ribeiro da Silva Isaias de Oliveira Marques Inácio Antonio dos Santos
<b>- SUPLENTE</b>	José Roque Sidney José dos Santos José de Macedo
<b>PRESIDENTE DE HONRA</b>	Juvenal Lopes
<b>VICE-PRESIDENTE DE HONRA</b>	Homero José dos Santos

# Mangueira - Carnaval de 1978

## DOS CARROCEIROS DO IMPERADOR AO PALÁCIO DO SAMBA

ENREDO VIVIDO PELO POVO DA MANGUEIRA

Montagem e Texto:	Alcyone Barretto
Alegorias e Adereços:	Julio Matos
Figurinos:	Kalma Murtinho

**COMISSÃO DE CARNAVAL:** Alcyone Barretto (Pres.), Ciro Ramos, Dacio de Almeida, Djalma Santos, Julio Matos, Pedro Paulo Lopes, Xangô, Jorge Barbosa e José Macedo.

## Samba de Enredo para o Carnaval de 1978

AUTORES: RUBENS DA MANGUEIRA E JURANDIR

Trago para este carnaval  
Um passado de grande valor  
Quem descreve este tema  
É o carroceiro do Imperador  
Quantas saudades  
Do famoso Marcelino  
Foi o grande mestre sala  
Desde os tempos de menino

Brigão e arruaceiro )  
Era o grande destaque ) Refrão  
Do bloco dos arengueiros ôôô )

Não posso esquecer  
Buraco quente, Santo Antonio e Chale  
E o ponto alto da escola  
Mestre Candinho, Tia Tomazia e Cartola  
Chorava a viola  
Em noite enluarada  
Samba duro no Faria  
la até de madrugada

Canto a minha história )  
De um celeiro de bamba )  
Cinquenta anos de glória ) Refrão  
Estão no palácio do samba )





Dos Carroceiros Do Imperador Ao Palácio Do Samba é enredo vivido, através do tempo, pelo povo da Mangueira.

O primeiro carroceiro que, trabalhando no Paço Imperial, veio morar no Morro do Telégrafo iniciou a descrever a história poética "Do Mundo de zinco que é Mangueira".

Um dia, quando os liteiras já eram símbolos de saudade, foi demolido o 9.º Regimento de Cavalaria e na Mangueira vieram morar as famílias de militares e civis que foram despejados das pequenas casas que existiam na Quinta da Boa Vista.

Nos terreiros de Tia Tomásia, após os ritos religiosos, a viola chorava, ouvia-se o ritmo da batucada e o cantor dos compositores, isto na época em que "o morro malandro não descia e polícia não sabia".

Buraco Quente, Santo Antonio, Chale, Pendura Saia e Faria eram os lugares da Mangueira onde, nas noites enluaradas, as rodas de samba aconteciam até a madrugada.

O bailar das pipas empinadas pelas crianças, o sobe e desce das lavadeiras, o gingar dos malandros, as roupas penduradas e os barracos multicores foram o cenário onde germinou a semente do samba.

O Rancho Príncipe Das Matas, que era verde e rosa, os Blocos de Julho, de Mestre Candinho e de Tia Tomásia já há muito nos carnavais desciam da Mangueira, quando um grupo de sambistas que não enjeitava brigas ou arruaças formou o Bloco dos Arengueiros.

Depois, em 1928, no dia 28 de abril, foi fundada a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, na casa de Joana Velha, mulher de Euclides, pai do João Cocada, numa reunião em que estavam, entre outros, Cartola, Marcelino, Zé Espineli e Saint Clair.

O primeiro Presidente da Escola foi Saturnino e o primeiro ensaio no terreiro da casa de Abelardo Bolhinha.

Atualmente, quanto os sucessores dos carroceiros do imperador já construíram o Palácio do Samba, a Estação Primeira de Mangueira, em 1978, apresenta o seu 50.º Carnaval cantando o passado de glórias da Mangueira, da Mangueira que é um morro, que é uma Escola.

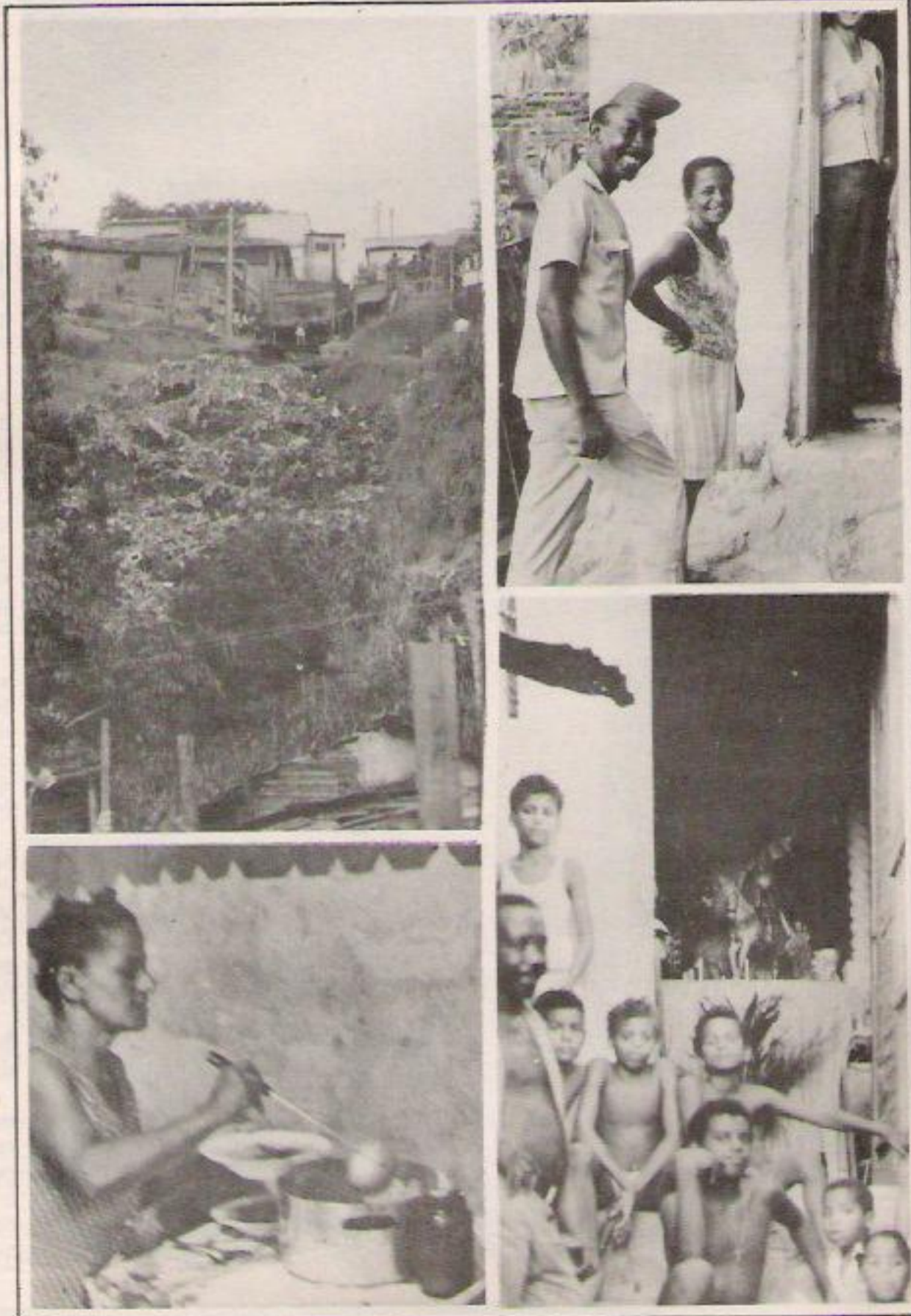
# O Morro e sua história

O que se sabe é que até 1857 Mangueira estava incluída num acidente geográfico carioca, conhecido como morro dos Telégrafos. Denominação que deve ter como origem a inauguração do telégrafo elétrico no Brasil, em 11 de maio de 1852, entre a Quinta Imperial e o Quartel do Campo, na cidade do Rio de Janeiro. No sopé do morro havia mangueiras, tão frondosas que proliferavam com facilidade, principalmente num determinado ponto onde o trem fazia uma rápida parada. Ponto que começou a ficar famoso por obrigar as pessoas que ali desejavam ficar, ou pular às pressas, ou avisar com antecedência: "Seu condutor, quero ficar nas mangueiras". Foram tantas as paradas forçadas, que a Central do Brasil resolveu transformar o ponto em estação, chamando-a de "Estação Mangueira".

Mas antes de virar estação, o morro começou a ser habitado por gente da antiga Quinta da Boa Vista, quando ela teve de ser remodelada, no tempo do prefeito Serzedelo Correia, em 1908. Os moradores das casinhas existentes no parque, na maioria famílias de soldados do então 9.º Regimento de Cavalaria, comandado por Joaquim Inácio, tiveram de se transferir para o morro dos Telégrafos, ao serem despejados do local. Receberam, no entanto, o próprio material da demolição para que pudessem reconstruir suas pequenas habitações no morro. Não sabiam que grande parte da área (que corresponde à Mangueira de hoje) pertencia ao Visconde de Niterói, Francisco de Paula de Negreiros Saião Lobato, que a recebera como doação do Imperador.

Mas os usuários da Estação da Mangueira, não eram apenas os moradores, seus amigos e visitantes do morro. Eram também os fregueses da badalada e tradicional Fábrica de Chapéus Fernando Braga, premiada em várias exposições internacionais. Ela já existia num prédio da antiga rua São Pedro, antes dele ter sido destruído pelo incêndio, em 1896, que forçou sua transferência lá para os lados dos Telégrafos. No novo endereço, - ao lado da Estação Primeira - a freguesia da "Fernando Braga" acabou se sensibilizando e se impressionando também com a quantidade das árvores que sombreavam e perfumavam o terreno da fábrica, a ponto de passar a chamar a mercadoria de "Chapéus das mangueiras". Resultado, além da mudança de residência, a fábrica acabou por mudar de nome. Passou a se chamar "Fábrica de Chapéus Mangueira".

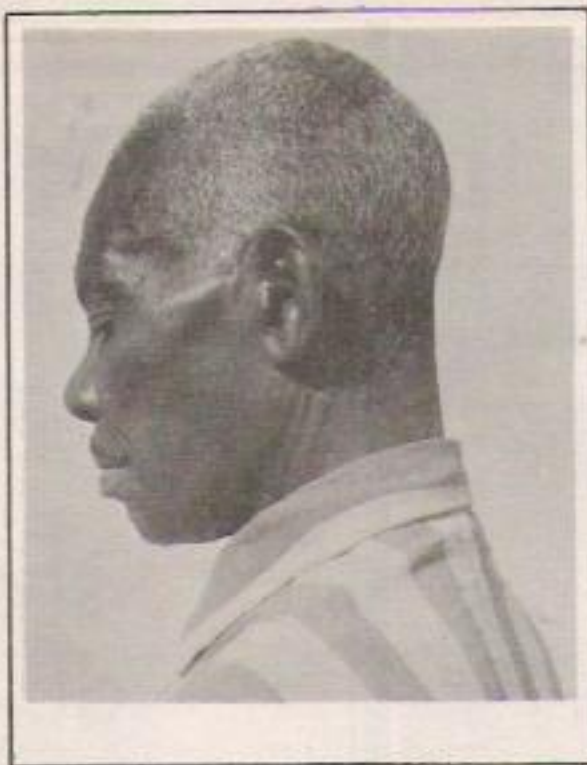
Em 1916, outro incêndio na história. Mas desta vez, bem maior. Foi no Morro de Santo Antônio, destruindo uma grande quantidade de casebres. E não deu outra coisa: as famílias desabrigadas transferiram-se para o morro da Estação da Mangueira. Essas famílias, que aumentaram a população mangueirense, eram em sua maioria gaúchas. Para se ter uma idéia de como eram as coisas por



esse tempo, o velho Waldemiro conta que chegou no morro, para morar de verdade, em 1926. E já lá encontrou a casa do funcionário público e compositor (que viria a ser o primeiro presidente da escola de samba verde e rosa) Saturnino Gonçalves. Filho do dono de uma fábrica de móveis, Saturnino aprendeu de tudo no gênero. Era conhecido no morro, entre outras coisas, como carpinteiro de mão-cheia, empalhador e estofador de primeira ordem. Naquela época também havia as cocheiras de um português, Tomas Martins, padrinho de Carlos Cachaça, que tinha carros-de-bois e várias carroças puxadas a burro. Ele também construiu barracos que eram alugados a seus empregados. A vizinhança foi se formando, de casa em casa. E do espírito comunitário, nasceu a confraria. Tinha a casa de Joana Velha, mulher de Euclides, pai do João Cocada. A casa de seu Júlio, de Tia Fé, da Helena, da Graciela, da Dona Luciana, da Dona Anastácia.

Depois de 1930, muitos gaúchos que moravam no morro, voltaram para o Rio Grande do Sul. Nem por isso o lugar ficou menos habitado. Moradores novos continuaram chegando. Mas foi em 1935, quando a população da Mangueira ainda era pequena, em relação a de hoje, que seus habitantes sofreram a primeira ameaça de despejo, por parte dos descendentes de Saião Lobato. Os favelados resistiram e venceram na Justiça. A segunda ameaça foi em princípios de 1964, quando o novo dono da área, um português conhecido no morro como Sr. Pinheiro, que arrecadou as terras hipotecadas pelo filho de D. Julieta São Lobato, da Companhia Mercantil Vitória, tentou desabrigar os mangueirenses ... Chamado às pressas por alguns moradores, Rafael de Almeida Magalhães, mais tarde vice-governador, conseguiu fazer um decreto na hora, para logo em seguida, apoiado pelo então governador Carlos Lacerda, propor ação de desapropriação. O Estado recebeu assim o alvará de posse da Mangueira, evitando a realização do despejo. E Neuma, a filha de Saturnino, que já teve sua fase de pastora de primeira categoria e porta-bandeira, pôde continuar na casa em que seu pai morreu. Pela localização e hospitalidade, a casinha de Neuma já era conhecida como a "ante-sala" do morro. Porque no tempo em que ainda não existia o "Palácio do Samba", o lugar não era frequentado comumente pela classe média da cidade, nem pelos granfinos da zona sul, Neuma era a anfitriã dedicada, alegre, desbocada, carinhosa e contadora de casos, tradições e novidades do morro. Foi sempre a mais popular das moradoras, a "Madrinha da Mangueira".

Do lado de lá do samba, Neuma é personagem principal da história do morro da Mangueira, daquele cotidiano onde persiste, apesar das mudanças, a confraria que mantém a alegria de uma fase de Nossa Senhora da Glória, como a



que é realizada, todos os anos, no Buraco Quente. Mais antiga que a escola de samba, a festa reúne os moradores no Largo da Glória, na travessa Saião Lobato (a avenida do morro). Fazem lista, contratam padre, compram fogos, enfeitam tudo de bandeirinhas. Tem missa, primeira comunhão, baile, canjica, churrasco, refresco e cerveja. A alegria começa às seis da manhã e vai noite a dentro, sem hora de terminar. Mas o mais bonito é ao cair da tarde, quando a turma que desce do Pindura a Saia acende as velas para dar início à procissão. O andor com a imagem da santa enfeitada da igreja, vai até o largo da Glória, desce até à rua Visconde de Niterói e torna a subir. Na tristeza, também há solidariedade. Se morre alguém, todos ajudam, porque na Mangueira defunto não fica abandonado por falta de dinheiro para enterrar. Tem sempre alguém que providencia as listas de "apelação". No *gurufim* costuma-se ficar na casa do morto até à hora da saída do corpo. Não é mais como antigamente, mas os donos do barraco ainda ganham bebida quente, pão, biscoito e cachaça para servir aos visitantes e amigos.

Casamento já foi a coisa mais luxosa e comentada em Mangueira. Era quando os pais faziam qualquer sacrifício para dar um festão. Para isso adiam o casório, quanto fosse preciso, até terem as condições necessárias. Os tempos não estão para grandes despesas, mas casar no civil e religioso ainda é questão de orgulho. A tradição do casamento aos sábados e do quarto da noiva arrumada, desde quarta-feira, para ser visitado e receber os presentes, ainda é mantido pelos mais conservadores. Mas se a situação está ruim, também não há maiores problemas: os noivos se amigam e pronto. Até pouco tempo, o prato do dia no morro era angu de fubá, couve (ou qualquer outra erva) e torresmo. Feijão e arroz é menu dos mais privilegiados. Mas o angu à baiana, por ser feito na base do bofe do fubá, sempre é uma boa pedida. "Prato da casa" é a tradicional sopa de

ervilhas à moda da Mangueira. Não há barraco que não a faça, pelo menos, duas vezes na semana. Aos domingos, a bôia melhora: galinha, carne assada, rabada, mocotó, buchada ... Não há mulher em Mangueira que não saiba fazer comida de forno, principalmente empadas, pastéis e bolos. Noventa por cento têm fogão a gás, e fazem questão delas mesmas prepararem a massa. O bolo mais comum é o de farinha de trigo. Os doces em calda são feitos na época de São Cosme e São Damião. É quando se pode encontrar nos barracos doce de coco com abóbora, banana em calda, mamão, laranja da terra e cocada.

Indústria caseira na Mangueira, praticamente não existe. A última doceira foi D. Matilde. Depois que ela morreu, ninguém a substituiu. E D. Matilde era famosa pelo cuscus e as cocadas que sabia fazer. Mas não que dizer que não haja mais boas doceiras.

Na Mangueira, o comércio é na base das tendinhas e se concentra no Buraco Quente. Lá tem sapateiro, alfaiate, barbearia, barzinho, amazém. É onde se pode comprar na base do varejinho: um pedaço de pão, dois cigarros, um cruzeiro de manteiga, uma porção de açúcar ou um bocado de banha. Mangueira também tem cabeleireiras, manicuras e costureiras. Em dia de Natal ninguém abre mão da consoada da meia-noite, no dia 24. Só não tem peru. O resto - rabanadas, "coquinhos", castanha, salada de fruta, abacaxi, bolinho de bacalhau - não falta. Tem quem faça pernil ou galinha de forno. Mas o prato tradicional desse dia é a bacalhoadada. A família toda se reúne para a consoada e depois sai para a visitação. Cada um vai provar a rabanada do vizinho. Quem não aceitar o vinho do outro é levado a mal. A festa vai até o dia 25 à noite, quando ninguém faz almoço, porque a consoada dá sempre para a bôia do dia seguinte.

Os 12 mil habitantes dos três mil barracos da Mangueira, cadastrados na Região Administrativa de São Cristóvão (a população real deve ser, no mínimo, quatro vezes maior), já perderam muito dos costumes que caracterizam o morro. Não há mais lavadeiras como antigamente, enxaguando a roupa no chafariz, para depois engomá-la e passar no capricho. Os pedreiros, carpinteiros e outros mestres de mão-cheia diminuíram também. Quem tem filho se esforça para vê-lo formado no primeiro grau e luta para financiar-lhe um curso de datilografia. Ser datilógrafo, auxiliar de escritório, ou qualquer coisa no gênero, é uma questão de status. A Fábrica de Chapéus Mangueira, já foi abaixo, pelo Metrô. Seus danos lamentam não poderem mais aceitar, como antes, as encomendas dos chapéus verde e rosa, para alas inteiras desfilarem no carnaval. Das mangueiras ninguém mais se lembra. Ficou a Estação Primeira e o morro, conhecido até internacionalmente. Badalado, agora, é o "Palácio do Samba".



# Mangueira, um palácio de samba e de alegria

José Carlos Rego

Transcrito de O GLOBO

Um dia, o cenógrafo Fernando Pamplona assinalou que o Brasil dispõe de dois motivos de exaltação poética que o artista pode realizar sem, necessidade, conhecer de perto: a Bahia e a Mangueira.

- Ambas - dizia - têm razões existenciais profundamente enraizadas na alma poética nacional.

Os pronomes ganhou por ser a primeira estação da linha da Central do Brasil a ter samba organizado. As cores verde-rosa - foram dadas por Cartola, numa reminiscência do rancho "Arrepiados de Laranjeiras", que ele, nascido no Catete, conheceu em garoto. E essas cores também combinavam com as do rancho "Príncipe das Matas", de Zé das Pastorinhas, já existente no morro, o que facilitou a aceitação geral.

Onze títulos de campeã da cidade só fizeram aumentar a popularidade da Mangueira. O último foi conquistado em 1973 e, o primeiro, em 1932, justamente no ano em que as competições, entre as escolas, passaram a ter patrocínio e uma

organização mais ampla. Nessa oportunidade, o tema do samba oficial foi bem ao espírito alegre que domina a escola até os dias de hoje: "Sorrindo", uma composição de Zé Com Fome.

## UNIÃO DO MORRO

"Chega de demanda, chega/ Com esse time temos que ganhar/Somos a Estação Primeira/Salve o Morro de Mangueira.

Com esses versos singelos, sem segunda parte, seguido às vezes de um improvisado, a Estação Primeira de Mangueira saiu às ruas no carnaval de 1929. O seu autor, Angenor de Oliveira - Cartola - ganhador do "Estandarte de Ouro" - do GLOBO o classifica como um samba bobo, mas a partir desse "Chega de Demanda" se estabelecia uma tradição à parte na história do carnaval carioca: a expressão melódica e poética dos sambistas de Mangueira. Neste ano, a escola ainda se denominava bloco carnavalesco

e os versos diziam respeito à união das quatro agremiações que existiam no morro. Eram os blocos do Mestre Candinho, da Tia Fé, Tia Tomázia e dos Arengueiros. Os três primeiros reuniam as crianças, as mocinhas e as senhoras, além do homens do ritmo e do canto. O Arengueiro, somava os malandros, os valentões, os desordeiros.

- Eu mesmo - conta Cartola - fui expulso do bloco da Tia Tomázia, por querer namorar várias moças ao mesmo tempo. Passei para os Arengueiros. Lá valia tudo, mas os outros blocos eram muito familiares. Quem não tivesse bom comportamento durava muito pouco.

## UM DESFILE

Cartola conta que a primeira vez em que a Estação Primeira foi à Praça Onze não levava mais de 60 pessoas, a maioria das pastoras vestidas de homem, algumas de fantasia confeccionada de papel crepom.

- Sua importância - afirma - é que





com a união dos diversos blocos, a Estação Primeira passou a ser de todos. Antes, cada bloco tinha o seu dono. Aconteciam coisas incríveis. Aí por volta de 1927, por exemplo, o samba existente no morro era dirigido por um tal "Bôco" e sua mulher. A saída mais distante que tivemos foi para Botafogo. Um amigo desse "Bôco" convidou-o a levar o samba de Mangureira a Botafogo. Lá fomos nós, a pé. Quando chegamos na casa do homem do convite, uma senhora nos recebeu no portão com a informação de que ele não estava. Já estávamos caindo de fome e aquilo foi um choque. A gente ali parado, sem ação, decepcionados. De repente a mulher se apiedou de nós, olhou para um pé de carambola e disse: quem quiser pode apanhar. Foi uma correria enorme. Todo mundo se fartou de carambolas. Antes de voltarmos para o morro, o "Bôco", a mulher dele e o saco de dinheiro que havíamos recolhido desapareceram.

#### CONCURSO

Os criadores dos concursos de samba, segundo Cartola, não foram jornais ou a Prefeitura, mas um macumbeiro conhecido por Zé Espineli.

- Ele morava no Engenho de Dentro e realizava muitas festas. Na parte da frente da casa era a roda de samba, dentro da casa macumba; e nos fundos, caxambu. Me lembro que uma vez fui lá representando a Mangureira, num concurso do qual participaram Heitor dos Prazeres e Paulo da Portela. No meio da festa, o Zé Espineli apareceu e deu o tema: "O beijo". Aí fizemos o samba do concurso em cima desse tema oferecido de surpresa.

- Foi esse mesmo Zé Espineli quem promoveu o primeiro concurso de grupos de samba. Arranjou com um turno da Rua Senador Euzébio (Praça Onze) uma virtude onde expôs três troféus. No carnaval, ele subiu num pequeno palanque e as escolas desfilaram para ele. No final, deu o resultado: 1.º lugar, Estação Primeira,

2.º lugar, Estácio; 3.º lugar, Favela. Quando o pessoal do Estácio foi receber o seu prêmio, aproveitou e quebrou a taça na cabeça do Zé Espineli. Ele tinha uma mulher em Mangureira, não saía daqui. A gente do Estácio viu logo o protecionismo. Da agressão ao Espineli seguiu-se um sururu, porque fomos logo defendê-lo.

#### PRIMEIRO PRESIDENTE

Moreno, esguio falido no comércio de móveis, sambista, muito popular, homem de não falar alto sequer com os filhos, sem inimigos. Seus dois defeitos: mulherengo e hostil ao trabalho - é assim que Dona Neuma, a Primeira Dama de Mangureira também "Estandarte de Ouro" define Saturnino Gonçalves, o primeiro presidente da Mangureira, seu pai.

Embora fizesse parte do Bloco dos Arengueiros, Saturnino não era homem de brigas, mas ao contrário disso um apaziguador e bom sambista. Registro

disso, é o samba "Linda demanda" que elaborou para o segundo carnaval da Mangueira, uma convocação à união dos sambistas cariocas: "Linda demanda, Existe no samba/ E a Nossa luta sem rancor/Mangueira, Osvaldo Cruz e Estácio/Amizade que estreitam os laços/Por amor, por amor," D. Neuma recorda-se bem do dia da fundação da Estação Primeira, 28 de abril de 1928.

Era aniversário de minha irmã, a Cecéia, e meu pai não aparecia em casa. Minha mãe achava que ele estava com outra mulher e não o perdoou. Ao chegar em casa, meu pai foi recebido com um bate-boca infernal. Explicou, então, que os blocos do morro haviam realizado a fusão, criando a Estação Primeira e ele fora escolhido presidente.

Presente a essa reunião, registrou Cartola em depoimento gravado em abril de 75.

- "A primeira reunião da Estação Primeira foi na casa da Joana Velha, mulher de Euclides, pai de João Cocada e da Aurora que ainda está morando no Buraco Quente. O Cocada ainda é vivo, eles dois já morreram. Era o Sainclair, marido da Aurora, e Euclides, marido da Joana Velha, eu, o Saturnino, Marcelino Zé Espineilli, o falecido Abelardo, Clemente, já falei em Ismar, tem mais gente. Fizemos a primeira reunião, aí foi escolhido o nome, que era o nome que vinha de meu sãma - "Chega de demanda" - esse samba fazia alusão à Estação Primeira.

- Aí, vai chegando o carnaval nós marcamos o ensaio, mas não tínhamos onde ensaiar. Não havia terreiro, mas existia, na Travessa Martins, atrás da casa da Joana Velha, se não me engano, onde morava Abelardo Bolinha, um terreirozinho. Ele aumentou o terreno e fomos ensaiar e primeiro carnaval ..."

Saturnino Gonçalves mereceu da Estação Primeira uma homenagem especial. Perto da morte, vítima da tuberculose, a escolha formou na ponte de Mangueira e ele foi descido do morro, nos braços dos diretores. Os componentes tocaram, cantaram e sambaram para ele. Foi levado de volta para casa, onde em pouco tempo viria a morrer.

#### A BATERIA

A Mangueira se distingue pela batida de sua bateria. Quando vêm dez escolas de samba, pode-se reconhecer a Estação Primeira, antes mesmo de vê-la, só pela batida - o depoimento é de Homero José dos Santos, o "Tinguinha", criador do contraponto gerado pelo total inconfundível. Ele explica que a característica especial da escola deve-se ao fato de que o seu surdo tem uma batida única, sem resposta de outro surdo, como a maioria das demais escolas.

- Essa batida - explica - vem desde a fundação. Do nosso primeiro surdo, que foi o Lúcio Pato, falecido. Naquele tempo ele era o único surdo que tocava na Mangueira. Hoje é que a Mangueira tem um



mundo de surdos, mas antigamente só havia um. Quando passamos a dois, depois a três, fomos conservando a batida, que era uma só.

Mário Nogueira - o "Nego" - versador e batuqueiro, foi o primeiro diretor de bateira da Mangueira. Hoje é peixeiro em Santa Cruz. Segundo Jair Campos da Silva, que por longo período foi o coordenador da bateria, coube a ele incentivar o Lúcio Pato a realizar a mais inconfundível marca do ritmo da Mangueira.

- E aquela síncope triplíce do surdo, que marca o acompanhamento de passagem da primeira para a segunda parte dos sambas da escola. É uma virada, sensacional, que terá de ser dada com muita atenção. Ali se localiza a razão da boa harmonia da escola. De onde estiver, perto ou longe da bateria, naquele momento o componente saberá que o samba está entrando em sua segunda tarde. É fundamental para a harmonia da escola, a sua unidade.

#### VALENTES DE BAIANA

No primeiro desfile da escola, Mangueira saiu com duas duplas de mestresala/porta-bandeira. Marcelino - o seu Maçu - com Dona Raimunda; e Arlindo com Dona Lina. Aos 68 anos de idade, Dona Lina queixa-se ainda da epidemia de tifo que assaltou o morro no final da década de 30 e obrigou-a a ceder seu lugar de porta-bandeira.

- Nunca mais pequei nela e o único consolo é que hoje, Neide, minha sobrinha, é a primeira porta-bandeira da escola. Melhor do que eu.

Lembra Dona Lina que na apresentação oficial, a escola exibia-se com três sambas diferentes, alguns deles aprendidos no rádio mesmo. Um, na entrada; outro, no meio e um último, no encerramento do desfile.

- Era tudo muito simples e não havia a organização servera de hoje. No sábado, a gente se arrumava, atravessava a ponte e ia na "Casa Celeste" (Rua São Francisco Xavier) apanhar a bandeira que o dono dessa loja nos dava.

Dona Zica - também ganhadora do "Estandarte de Ouro" do GLOBO -, mulher de Cartola, de sua vez registra como se fantasiavam os componentes:

- Os valentões como Galo, Cecilhão, Júlio, Nascimento, Marcelino saíam vestidos de baianas. Alguns, como o Cecilhão, com um enorme coque no alto da cabeça. Usavam muitos cordões no pescoço. Quanto mais cordão, mais se julgavam importantes. As pastores se vestiam de homem, virando o paletó ao contrário, e era a única vez do ano que botávamos calça comprida. Algumas outras, pegavam esse macarrão "padre-nosso", pintavam, para fazer colar e vestiam baianas de papel crepom e, as mais abastadas, de chitão. Era tudo muito simples. De resto, as fantasias eram idênticas às do carnaval de rua, burrinhas, chupetas, barriga grande, cara pintada, essas coisas.

# Coca-Cola dá mais vida...

Confete, serpentina, muita sede de sambar.  
Carnaval é mais folia com uma  
Coca-Cola bem gelada.

COCA-COLA É MARCA REGISTRADA.



# Delegado e Neide, a dupla perfeita

Dacio de Almeida

Carnaval de 1977. Local: São Paulo. No Vale do Anhangabaú desfilava a Escola de Samba Camisa Verde. Sua atração máxima: o mestre-sala Delegado.

Em frente ao palanque do júri, esguio e elegante, chega Delegado, conduzindo sua porta-bandeira. As figurações coreográficas se intensificam. Como um lorde, de cabelos brancos, leque na mão direita, esbanjando criatividade o mestre dos mestre-salas cai ao chão.

É, sem dúvida, seu passo de dança



mais bonito. De joelhos, lentamente, encosta-se nos calcanhares e assim fica alguns segundos enquanto sua companheira evolui ao seu redor. Pouco depois ergue resoluta a mão esquerda. A porta-bandeira segura-o e continua evoluindo ao mesmo tempo que ele se levanta e recomeça as filigranas de sua dança.

O público aplaude. Vibra. A Camisa Verde segue o desfile consciente do merecido tricampeonato, como conquistou. Mas na abertura do envelope do jurado do quesito coreografia uma grande decepção: Delegado tirou nota 7 e o motivo alegado pelo juiz foi ter ele escorregado e caído ao solo.

Desde 1958, no Rio, quando foi instituído o concurso de mestre-sala e



porta-bandeira, jamais lhe deixaram de dar a nota 10. Mas o 7 não magoou Delegado. Como Pelé difundiu o futebol nos Estados Unidos, todos - e ele próprio sabemos que Delegado fez o mesmo com o samba em São Paulo.

Por isso, não foi difícil convencê-lo a desfilou esse ano por sua Estação Primeira de Mangueira, ano do cinquentenário. Já sexagenário, o **Príncipe**, como seus próprios companheiros de outras escolas o chamam, começou em Mangueira em 1948, substituindo o primeiro mestre-sala Jorge Rasgado, seu professor.

Desfilou com Nininha, Maria José, Mocinha e finalmente Neide, com quem formou o grande par.

E é Neide quem conta:

- Dançar eu sabia. Herdei tudo de tia Lima, mas foi ele quem me ensinou a malícia do jogo.

O pano da bandeira em linha horizontal, o equilíbrio correto, as nuances coreográficas de acordo com a criatividade do mestre-sala, a discreção e a atenção são habilidades que Neide aprendeu e aperfeiçoou, tornando-se uma porta-bandeira sem rival.

Com 37 anos de idade, Neide já dançou com Zequinha, Edson PV, Roxinho e outros. Sempre da mesma maneira; sempre com muita raça.

Lembro que quando ela esperava Sílvia, hoje com 12 anos de idade, Neide, grávida de oito meses, não deixou que a Comissão de Carnaval a substituisse. Ela tem um primo que é serralheiro e pediu-lhe que fizesse um acolchoado macio para a base do mastro. E de barriga e tudo, com o mesmo garbo, desfilou e tirou nota 10. Uma semana depois, Sílvia nasceu.



# Os grandes Carnavais

SERGIO CABRAL

Na condição de antigo colaborador da revista que a Estação Primeira de Mangueira edita anualmente, recebi a incumbência em 1978 de falar de seus grandes carnavais. Passo a falar, portanto, dos desfiles em que a escola foi a campeã.

**1932** - Numa promoção do jornal "Mundo Sportivo" foi realizado naquele ano, na Praça Onze, a primeira competição entre as escolas de samba. Dezenove escolas desfilaram perante um júri instalado na frente da Escola Benjamim Constant - constituído pela casal Eugênio e Álvaro Moreira, José Lira, Orestes Barbosa, Fernando Costa, Raimundo Magalhães Junior e J. Reis. O samba cantado pela Mangueira chamava-se "Sorrindo", de autoria de Zé Com Fome (seu nome verdadeiro era José Gonçalves, mas acabou ficando famoso como Zé da Zilda). Resultado: 1.º, Estação Primeira; 2.º, Vai Como Pode (mais tarde, Portela); 3.º, Para o Ano Sai Melhor; 4.º, Unidos da Tijuca.

**1933** - A promoção do desfile coube ao jornal "O Globo" e o júri foi integrado por Roberto Lobo, João da Gente e Jofre Rodrigues. A Mangueira apresentou o enredo "Uma segunda-feira no Bonfim" e o resultado foi este: 1.º, Estação Primeira; 2.º, Azul e Branco do Salgueiro; 3.º, (empatados) De Mim Ninguém Se Lembra e Vai Como Pode; 4.º, União do Uruguai.

**1934** - O desfile foi realizado fora do carnaval, dia 20 de janeiro, no Campo de Santana, numa homenagem ao gran-



de prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto (foi quem, por exemplo, instalou a Escola Humberto de Campos no Morro de Mangueira). Assim decidiu a comissão julgadora (integrada pelos cronistas carnavalescos (Francisco Neto, Floriano Rosa Faria, João Ferreira Gomes - o Jota Efegê que brilha até hoje) - Venerando da Graça e Antônio Veloso): "A comissão classificou a Estação Primeira pela sua excelente harmonia, tendo executado perante o júri um samba de grande efeito rítmico e vocal. A segunda classificada, por ter apresentado o seu conjunto com forma característica de escola de samba".

**1940** - Um fato inédito: um grupo de escola de samba fazia **show** no elegantíssimo Cassino Atlântico (a iniciativa foi Sílvio Caldas, o mesmo homem que deu de presente à Mangueira o seu primeiro surdo) e chamava-se "Escola de Samba do Morro de Mangueira". Entre os componentes de **show** estavam o compositor Cartola e a pastora Neuma Gonçalves. No desfile de carnaval, o resultado foi assim: 1.º, Estação Primeira; 2.º, Mocidade Louca de São Cristóvão; 3.º, Azul e Branco; 4.º, União do Sampaio; 5.º, Portela.

**1949** - Foi uma das vitórias mais apagadas da Mangueira porque o desfile em que participava não era reconhecido oficialmente. O da Prefeitura foi ganho pelo Império Serrano.

**1950** - Bicampeã do desfile não-oficial, sendo seguida pela Portela, Unidos da Tijuca, Vai Se Quiser e Corações Unidos de Jacarepaguá.

**1954** - Finalmente, um título reconhecido oficialmente, pois todas as escolas já estavam participando do mesmo desfile. 1.º, Estação Primeira; 2.º, Império Serrano; 3.º, Acadêmicos do Salgueiro; 4.º, Portela; 5.º, Aprendizes de Lucas.

**1960** - O resultado foi estabelecido depois de uma grande confusão por causa dos descontos de pontos por atraso das escolas. A solução foi colocar cinco escolas em primeiro lugar: Estação Primeira, Portela, Salgueiro, Império Serrano e Unidos da Capela.

**1961** - Foi uma das vitórias mais incontestáveis da Mangueira. Com um lindo samba-enredo falando das coisas do Rio antigo, conquistou a platéia da Avenida Rio Branco assim que começou o desfile. 1.º, Estação Primeira; 2.º, Acadêmicos do Salgueiro; 3.º, Portela; 4.º, Império Serrano; 5.º, Unidos da Capela.

**1967** - Apesar do favoritismo concedido à Mangueira pelo público e pelos jornais, o presidente da escola, Juvenal Lopes, não quis pronunciar-se até a abertura da urna com os votos dos jurados: "Urna é como mulher grávida. Nunca se sabe o que está lá dentro". Mas deu Mangueira na cabeça: 1.º, Estação Primeira; 2.º, Império Serrano; 3.º, Acadêmicos do Salgueiro; 4.º, Unidos de Vila Isabel; 5.º, Unidos de Lucas.

**1968** - O Bicampeonato coincidiu com a apresentação de um samba-enredo que desencadeou o sucesso desse tipo de samba na área do consumo: "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato". 1.º, Estação Primeira; 2.º, Império Serrano; 3.º, Acadêmicos do Salgueiro; 4.º, Portela; 5.º, Unidos de Lucas.



**1973** - Foi o único ano em que as baianas da escola não saíram com as suas cores tradicionais. Vestiram-se todas de branco, mas era uma conveniência do enredo, "Lendas do Abaeté". Resultado: 1.º, Estação Primeira; 2.º, Império Serrano; 3.º, Acadêmicos do Salgueiro; 4.º, Portela; 5.º, Imperatriz Leopoldinense.

# Julinho, o artista do povo

Fernando Pamplona

1959 -eu era do júri - as escolas não queriam entrar por várias razões.

"A primeira não entra, então nós também não entramos!" - e assim por diante. A ordem era desclassificar.

Um sujeitinho magro, tipo "Mesquitinha", de bigodinho e tudo, pedia pelo amor de Deus que deixassem sua escola (se não me engano era a Tuiuti) passar, mesmo que fosse a última a desfilir.

O júri, comandado por Édson Carneiro, Eneida e Lucio Rangel, concordou. Assim foi feito.

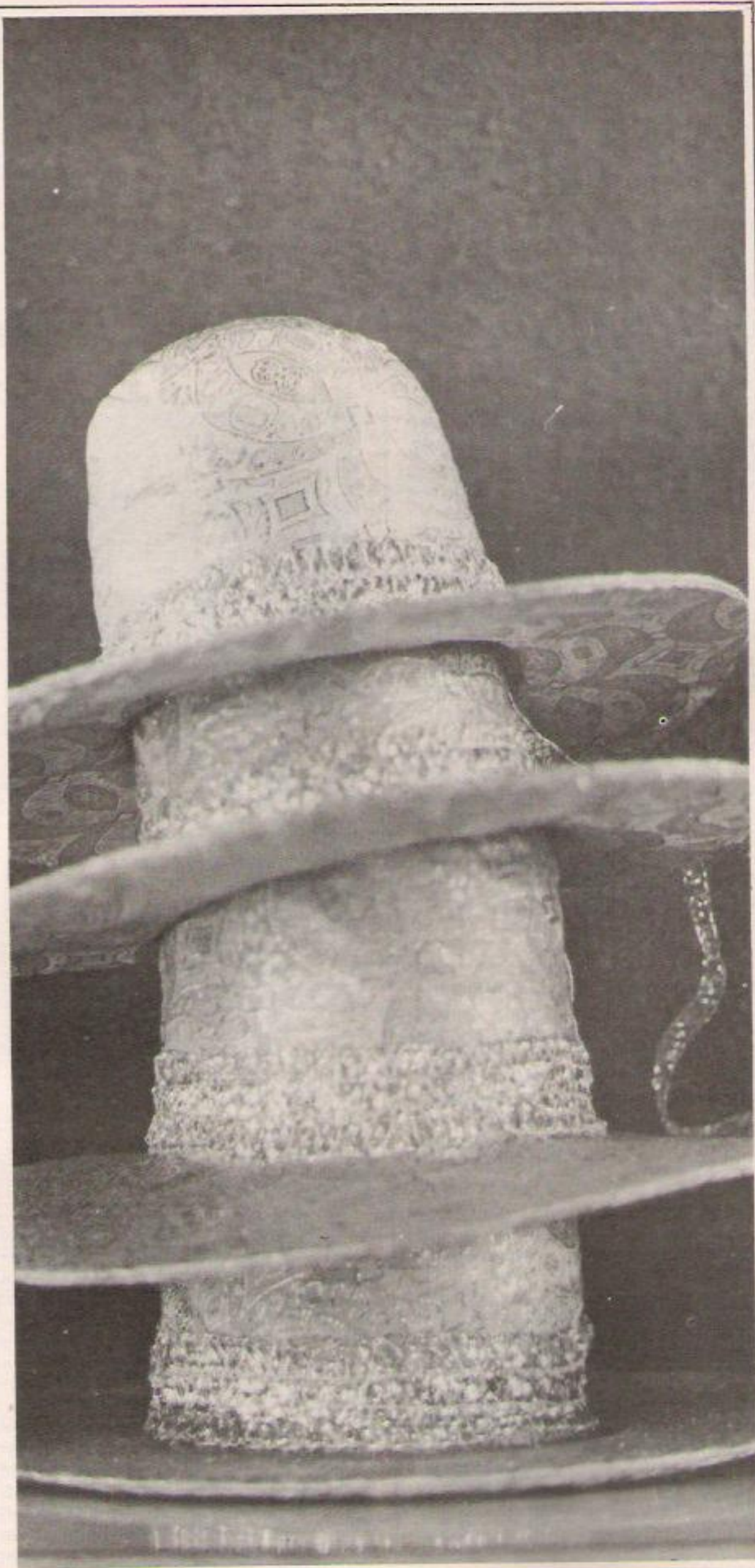
No momento em que a escola daquele sujeitinho apareceu, ele agigantou-se. Gritava, puxava os carros como um louco, pedia licença para mostrar as alegorias de todos os lados, sofria, chorava, vibrava. Marquei a pinta dele na cuca!

É assim que compreendo um artista: um cara que VIVE em sua plenitude o trabalho que realiza.

Mais tarde conheci o tal sujeitinho e acompanhei o seu trabalho, principalmente quando fazia a velha Manga, e batemos papo algumas vezes.

Ele é o **Julinho**, o Julio Matos, artista puro, simples e ingênuo; sem estrela na testa ou "gaz neon" no chapéu. Artista povo, que não escolhe local nem tempo para trabalhar; que goza e vive o que faz.

Tenho inveja do **Julinho**. Gostaria de ser ele.



# MANGUEIRA, SEMPRE MANGUEIRA

Maurício Azêdo

Foi em 1969, na Bahia, que eu tive o maior testemunho da força nacional do samba da Mangueira. Eu jantava com o paulista Edgard Catoira num daqueles restaurantes que reúne intelectuais e artistas, boêmios e vagabundos, quando alguém começou a cantar alto, iniciando um coro que logo se espalhou por várias mesas. Com aquela facilidade de comunicação e alegria espontânea do povo da Bahia, em pouco o restaurante todo estava cantando, as pessoas se levantavam para dançar, outras batucavam sobre as mesas com as mãos ou os talheres. De repente, com arrepios de emoção, senti que todos se entregavam ao samba, dançando e cantando a plenos pulmões uma música profundamente familiar a um carioca:

Quando uma luz divinal  
Iluminava a imaginação  
De um escritor genial  
Tudo era alegria,  
Tudo era sedução ...

Esse episódio envolvendo o extraordinário samba-enredo **O Mundo Encantado de Monteiro Lobato**, de Batista, Luís e Darci da Mangueira, vem à lembrança com nitidez diante da criação de Jurandir e Rubens da Mangueira para o enredo **Dos Carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba**, tema da Estação Primeira neste ano de 1978, em que ela festeja seu meio século de existência. Estamos diante de um magnífico exemplar de um jeito todo especial de fazer samba: um modo, um estilo, uma linha que criava suas raízes no terreno mais puro da criação popular. É um samba que não é apenas de Rubens e Jurandir: na sua melodia e em seus 23 versos há um pouco de Cartola e de Carlos Cachça, de Zé-Com-Fome e Saturnino Gonçalves; de Cícero, Comprido Pelado, Hélio Turco, Leléu, Geraldo das Neves, Tolito, Zagaia, Preto Rico, Xangô, Mano, muitos outros; de todos os que, ao longo destes 50 anos, plasmaram o jeito mangueirense de fazer samba. Porque a Mangueira não é o agora, o eventual, mas o sempre, o permanente.

Não importa que alguns críticos apressados digam que o melhor samba-enredo de 1978 é o da escola tal. Não importa tampouco que mesmo dentro da Mangueira algumas pessoas não tenham entendido a riqueza da licença poética contida nos versos "Quem descreve este tema/É o carroceiro do imperador", por não compreenderem como um morto de



mais de 100 anos possa fazer a crônica do surgimento do Morro da Mangueira. Esses se esquecem de que a Mangueira tem um precedente honroso, para citar apenas um nome grato à nossa sensibilidade brasileira: afinal, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, uma das obras-primas do Mestre Machado de Assis, não é um relato, como o próprio indica, de alguém que já se foi desta para a melhor?

O que importa é que esta criação de Rubens e Jurandir ainda vai ser enriquecida. Porque, como ocorre com todo samba da Mangueira, dela participam também os milhares de mangueirenses de todas as idades que, com sua voz, com

sua garra, com seu amor à Verde-e-Rosa, vão ampliar ainda mais o efeito plástico do samba dessa dupla maravilhosa. É que o samba da Mangueira sempre cresce na pista, e este ano com mais razão. Falando de "um passado de um grande valor", o seu passado; cantando a "história de um celeiro de bamba", a sua história; exaltando "cinquenta anos de glória", a sua glória, suas imorredouras glórias, a Estação Primeira de Mangueira, com sua gente, seu admirável povo, vai-nos oferecer o canto mais alto, o canto maior entre os maiores.

Chorava a viola, que chore a viola, agora e sempre.



## VEJAM QUEM VEM LÁ ATRÁS

Fernando Zerlottini

A primeira vez que vi um desfile das escolas, nos bons tempos da avenida, lembro-me bem que a Mangueira saía com o sol alto. E bem me lembro de que não havia arquibancadas. O povo ficava contido pelos cordões de isolamento. Mas muita gente, dezenas e dezenas e pessoas, recusava a imobilidade de meros expectadores: a horas tantas já eram centenas desfilando ao lado da escola, indo e vindo sob os cassetetes da polícia na sua inútil tentativa de sufocar uma velha paixão.

É uma imagem que jamais esquecerei, essa dos deserdados que nunca puderam se integrar em alguma ala, mas

mesmo assim faziam questão de sair com a escola, cantar o seu samba, iluminar-se ao menos com o reflexo dos seus lamês. E mais: aquela multidão que ia atrás — na ribeira, como se diz —, como um eco da escola, uma síntese de todo o desfile, cantando e dançando alto e bom som.

Pois eis que a Mangueira surge cinquentenária. Vem atrás das grandes rivais, bem no fim da fila. E na hora mais propícia, sob a luz natural do dia. Sempre entendi que essa coincidência, quando ocorre traz alguma coisa de mágico. O verde e o rosa são as cores da manhã. Eles é que colorem a aurora antes que o céu se torne azul. Num instante desses,

nada é mais irrelevante do que discutir critérios e quesitos, imaginando se o júri oficial nos fará justiça, ou se uma vez ainda ficaremos na rabeira, superados pelos plásticos, isopores da moda. Paciência. De alguma forma somos sempre vitoriosos. Temos um júri universal, aquele que vem lá atrás sambando conosco. Há 50 anos ele nos confere o prêmio do seu devotamento. Faz parte de todos os nossos desfiles, haja Lua ou chova. Hoje estamos novamente juntos desde que nasceu o dia, verde e rosa antes que todas as outras cores surgissem.

Mangueira: aurora.



# Preocupação de Kalma Murtinho foi a de usar sempre o verde e rosa

Maria Barroso

Tendo iniciado sua carreira de figurinista no Teatro Tablado em 1952, a carioca da gema Carmem Maria Braga Murtinho, ou melhor, Kalma Murtinho, nome que se tornou conhecido nos meios artísticos, é a responsável pelas fantasias da Mangueira no Carnaval de 1978.

Com uma vasta experiência em teatro, que já lhe valeu diversos prêmios e a participação em quase 100 peças, atualmente está mais ligada à televisão, onde realizou, até agora, 4 novelas. Seu contato com as escolas de samba vem desde a época dos desfiles na Praça Onze, quando foi juíza pela primeira vez, ao lado, entre outros, da saudosa Eneida, apaixonada, como ela, por carnaval.

Perguntada sobre possíveis diferenças entre trabalhar para teatro, televisão e escolas de samba, explica:

— O processo de criação e execução de figurinos em teatro é praticamente um círculo fechado. Todos os membros da equipe (diretor, cenógrafo, iluminador, etc.) trabalham em estreita ligação, o que permite um controle quase total do figurinista sobre o resultado final de seu trabalho. Em televisão já ocorre uma modificação, pois apenas o diretor tem uma visão de conjunto. Os diversos departamentos artísticos não se relacionam entre si.

Quanto à Mangueira, o resultado inclui não apenas a interpretação de enredo do figurinista, mas também a interpretação de cada ala sobre seu trabalho. Com isto, o que será visto na avenida, é o encontro de dois processos imaginativos — o de quem projeta e o de quem executa — feitos, ambos, com muita garra e buscando o melhor, dentro da concepção de cada um. Para Kalma, é isto que faz da Mangueira uma escola de samba autêntica, e que a deixa muito honrada pela



escolha de seu nome para o carnaval deste ano.

O desenvolvimento do enredo, foi resultado de um trabalho da Comissão de Carnaval. Dos estudos feitos sobre o tema "Dos Carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba", surgiu a idéia de dividir o desfile em três partes fundamentais: **A Corte**, retratando a época em que

surgiram os primeiros habitantes de Mangueira, carroceiros do Imperador, que trabalhavam na Quinta da Boa Vista, então residência de D. Pedro I; **O Morro**, visando dar um panorama do que é a Mangueira atualmente em termos de tipos humanos e sociais, e, finalmente, **A Escola**, que trará a história da criatividade mangueirense, desde o tempo dos Ranchos até a atual Escola de Samba, passando por seus diversos carnavais.

Mas não apenas a idealização das fantasias norteou-se por esta divisão em **Corte, Morro e Escola**. Toda a concepção das cores também. Assim, explica Kalma, os tons do rosa e do verde na **Corte**, foram os mais fortes possíveis, visando aproximá-los ao máximo do verde e vermelho da Corte Portuguesa. Já na parte do **Morro**, utilizaram-se muito cores populares para lembrar a própria visão daquele com suas casas coloridas. Na **Escola**, volta a predominar o verde e rosa, sendo que aqui buscaram-se os verdes limão e lima e o rosa pink na parte que se refere às décadas de 20 e 30, por serem estes os tons mais usados na época. Ainda na **Escola**, Kalma assinala que os Ranchos vieram com grande variabilidade de tonalidades de verde e rosa para sugerir que estes eram multicoloridos, não tinham a disciplina de cor das atuais escolas. Daí aparecerem verdes puxando ora para o azul, ora para o amarelo; rosas ora para o vermelho, ora para o branco. Mas sempre verdes e rosas, que, do ponto de vista do conjunto da escola deverão predominar.

Quando ao prazo ideal para a realização dos figurinos, Kalma, que teve 2 meses para fazê-los, considera que bom mesmo seria começar assim que terminasse o carnaval.





# ROTEIRO

- 1) COMISSÃO DE FRENTE - IMPERADORES DO SAMBA (Velha Guarda: Cartola, Carlos Cachça, Juvenal, Ed Madureira, Cazuza, Izaú, Lima, Gazolina, Mestre Candinho, Nelson Cavaquinho, Machado, Babau, Edson, Batelão e Onofre.
- 2) MANGUEIRA QUERIDA (Destaque) - Zica
- 3) ABRE ALAS - Velha Guarda
- 4) CARROCEIROS DO IMPERADOR - Grupo Sorriso no Caminho
- 5) PRIMEIRA ALEGORIA - Carruagens Imperiais
- 6) CARROCEIROS DO IMPERADOR - Alas: Invencíveis masculino, Intocáveis masculino, Nós Somos Assim, Grupo Avante.
- 7) MUCAMAS DA CORTE - Alas: Intocáveis Feminino e Invencíveis Feminino.
- 8) D. JOÃO VI (Destaque) - Wilson
- 9) D. CARLOTA JOAQUINA (Destaque) - Zinha
- 10) DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA - Alas: Esforçados, Reis Nobres e Chove Não Molha Masculino.
- 11) D. PEDRO I (Destaque) - Carlos Vitor
- 12) D. LEOPOLDINA (Destaque) - Jandira
- 13) MARQUESA DE SANTOS (Destaque) Lidia
- 14) MARQUESAS E MARQUESES - Alas: Aliados, Deixa Comigo, Firmeza, Caçulinhas, Fidalgos e Embaixadores
- 15) D. PEDRO II (Destaque) Ivan Feijão
- 16) PRINCESA ISABEL (Destaque) - Maria Ramos
- 16 A) 2.º MESTRE SALA - Edinho
- 16 B) 2.ª PORTA BANDEIRA - Mocinha
- 17) ESCRAVAS RAINHAS - Grupo das Amazonas
- 18) ESCRAVOS - Grupo Verde e Rosa
- 19) IAIÁ (Destaque) - Wanda
- 20) IAIÁS e IOIÓS - Alas: Duques e Corte



## 2.º SETOR

- 21) LAVADEIRAS - Alas: Princesinhas, Charmosas e Ninguém é de Ninguém
- 22) SEGUNDA ALEGORIA - O Morro
- 23) A LAVADEIRA (Destaque) - D. Raimunda
- 24) BATUQUEIROS (Destaque) -
- 25) CARREGADORES DE ÁGUA - Ala: Hippye Masculino
- 26) LATA D'ÁGUA NA CABEÇA - Ala: Hippye Feminino
- 27) MALANDRINHOS - Alas: Funcionários, Deixa Isso P'rá Lá, Granfinos
- 28) IAIÓS - Ala: Baianas Destacadas
- 29) TIA TOMÁSIA (Destaque) -
- 30) TIA FÉ (Destaque) - Doralice
- 31) AS TIAS - Baianas Tradicionais
- 32) MENINOS DO MORRO - Alas: Seresteiros, Meninas da Praia, Última Chance, Menestréis, 1.001 Noites.



## 3.º SETOR

- 33) BALIZA - Arilton
- 34) PORTA ESTANDARTE - Nininha
- 35) RAINHA DO RANCHO (Destaque) - Cotinha
- 36) PIERRÔS E COLOMBINAS - Alas: Gatinhas, Turistas, Moderninhas, Metidas a Bacanas, Grupo Arma Comigo que Você Sai
- 37) FADA (Destaque) - Iika
- 38) FLORES - Alas: Mimosas, Depois Eu Digo, Chove Não Molha Feminino
- 39) BORBOLETA (Destaque) - Maria Helena
- 40) BLOCO DOS ARENGUEIROS - Ala: Só Vai Quem Pode
- 41) DESTAQUE DO BLOCO - Margarida
- 42) BLOCO DOS ARENGUEIROS - Alas: Brasinhas, Brasões, Grupo Arruaceiros - Inocentes dos Botequins
- 43) 3.ª ALEGORIA - PANDEIRO - Carlinhos do Pandeiro - Maria Helena - Regina - Anik - Gargalhada e Rosemerie.
- 44) SOLDADINHOS - Alas: Barões, Deixa Falar, Príncipes, Milionários de Paris
- 45) 1.º MESTRE SALA - Delegado
- 46) 1.ª PORTA BANDEIRA - Neide
- 47) MESTRES SALAS E PORTAS BANDEIRAS
- 48) Alas das Crianças - Passista - Sapoti
- 49) PASTORAS - Alas: Baianas Granfinas, Embalo, Impossíveis, Caprichosas e Jambetes.
- 50) CABROCHAS - Grupo da Mira
- 51) BATERIA (Destaque) - Marta Fiuza
- 52) HARMONIA (Destaque) - Indaiá
- 53) ENREDO (Destaque) - Marilene
- 54) EVOLUÇÃO (Destaque) - Marcia Cristina
- 55) SAMBA (Destaque) - Laerte
- 56) PASSISTA (Destaque) - Therezinha
- 57) ALEGORIAS (Destaque) - Silvia
- 58) CABROCHA (Destaque) - Marli
- 59) GINGA (Destaque) - Iêda Blum
- 60) CARNAVAIS DA MANGUEIRA - Ala: Comigo Ninguém Pode
- 61) PASSISTA - Beth de Carvalho
- 61 A) BATERIA
- 62) DIRETORIA
- 63) COMPOSITORES
- 64) HARMONIA
- 65) ALA DOS PERIQUITOS
- 66) ALA SÓ PARA QUEM PODE
- 67) ALA DOS BHOÉMIOS



# Abra a sua Caderneta de Poupança

## **aPEX**

Aí você verá que  
“Nada nessa vida  
é tão bom que  
não se possa melhorar”.

Venha conversar  
com a Gerente  
de qualquer uma  
dessas agências:

Sede Própria: Gonçalves Dias, 51 - 263-5252 (PABX)

Castelo: Nilo Peçanha, 11-A - 231-3689

Méier: Dias da Cruz, 174-A - 229-3574

Tijuca: Desembargador Isidro, 6-A - 268-6996

Copacabana: Francisco Sá, 51 - 267-1006

Botafogo: Voluntários da Pátria, 404 - 286-5998



## **aPEX**

Caderneta de Poupança

**IMPORTANTE:** Traga este exemplar e receba um brinde especial que a aPEX reservou para você.

# CHANCELLER 100

FINÍSSIMOS

*Enfim, um  
cigarro fino e  
bonito não é só  
fino e bonito.*

*Tem gosto,  
tem sabor,  
não fica só nas  
aparências.*

*Chancellor  
é o primeiro  
cigarro fino que  
satisfaz mesmo.*

*Você sente  
quando fuma.*

*Conheça o  
Chancellor  
hoje mesmo.*

*Ele gratifica  
seu dia com  
uma novidade  
que vai desde a  
embalagem até  
o último cigarro.*

## Cigarro fino satisfaz?



## Experimente Chancellor.